

## ENTRE LIVROS E LEITORES: MEMÓRIAS DE LEITURAS DE ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR

### BETWEEN BOOKS AND READERS: MEMORIES OF HIGHER EDUCATION

Denise da Silva de Oliveira \*

**RESUMO:** A partir da análise das respostas do formulário de inscrição para participação em um projeto de leitura, este artigo objetiva discutir a respeito do papel da leitura na formação dos acadêmicos de Administração, Direito e Educação Física de uma faculdade do norte do Paraná. A presente pesquisa traz, portanto, a relação entre os dados coletados e sua relevância para compreender as características que esses leitores possuem, levando em conta suas experiências e repertório de leitura. Sob uma perspectiva pragmático-teórica, as discussões aqui serão estabelecidas com base nas elucubrações de teóricos e pensadores da leitura, bem como do embasamento sobre o ensino de leitura contido a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018). Para instrumentalização da pesquisa foi enviado aos 300 estudantes um formulário elaborado no *Google Formulários* contendo 14 questões semiestruturadas, visando conhecer o perfil desses alunos, suas memórias de leituras escolares e de infância, bem como seus interesses quando à participação em um projeto de leitura na instituição. Os resultados preliminares apontam que, apesar de uma bagagem um tanto limitada de leituras, o grupo amostral apresentou bastante interesse na participação do projeto, dessa maneira, é possível inferir que, apesar de um baixo delineamento escolar de leitores, há interesse latente desses estudantes em fazer leituras de diferentes âmbitos, estabelecer discussões e novos pontos de vista a partir delas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura; Diretrizes Curriculares; Memórias de leituras; Projeto de Leitura.

**ABSTRACT:** Based on the analysis of the answers to the application form for participation in a reading project, this article aims to discuss the role of reading in the training of Administration, Law and Physical Education academics from a university in the north of Paraná. The present research brings, therefore, the relationship between the data collected and its relevance to understand the characteristics that these readers have, taking into account their experiences and reading repertoire. From a pragmatic-theoretical perspective, the discussions here will be established based on the elucubrations of reading theorists and thinkers, as well as from the background on reading teaching contained in the Curriculum Guidelines for the teaching of the Portuguese Language of Paraná (DCE). For instrumentalization of the research was sent to the 300 students a form elaborated in Google Forms containing 14 semi-structured questions, aiming to know the profile of these students, their memories of school readings and childhood, as well as their interests when participating in a reading project in the institution. The preliminary results show that, despite a rather limited baggage of readings, the sample group showed a great interest in the participation of the project, in this way, it is possible to infer that, despite a low school layout of readers, there is latent interest of these students in to make readings of different scopes, to establish discussions and new points of view from them.

---

\* Doutoranda em Estudos da Linguagem. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Londrina- UEL. Docente da Faculdade Cristo Rei – FACCRI, de Cornélio Procopio. E-mail denisesiloliveira@yahoo.com.br

**KEY-WORDS:** Reading; Curricular Guidelines; Memories of readings; Reading Project.

## **1 PALAVRAS INICIAIS: UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA LEITURA**

Quais são as experiências de leitura que mais marcam a vida de uma pessoa? Qual o verdadeiro impacto que o ato de ler tem sob um indivíduo? De que maneira as primeiras histórias, contadas talvez no ambiente familiar, contribuíram para tornar (ou não) alguém leitor? E a escola, qual seu real papel na formação de leitores críticos? São essas e diversas outras indagações que fizeram surgir a pesquisa que ora se apresenta.

Discorrer sobre o ato de leitura talvez seja adentrar em um universo repleto de sensações e ideias inominadas, uma vez que cada leitura traz consigo uma carga de subjetividade que provavelmente não poderá ser teorizada em sua totalidade ou estudada sob a luz da ciência. Ler é, senão, um ato particular e múltiplo ao mesmo tempo.

Há leitores que se descobrem na infância, para outros, é no ambiente escolar que se iniciam as práticas de leitura mais significativas, momentos nos quais há a descoberta de instigantes e desbravados sonhos impossíveis. E há também aqueles que afirmam não gostar de ler, elencam alguns motivos para sua aversão à leitura e seguem, sem um livro nas mãos.

A problemática que circunda a presente pesquisa está estreitamente relacionada à leitura e sua experimentação no ambiente do ensino superior, visando conhecer melhor como se configuram os leitores de uma faculdade do setor privado, localizada no norte do Paraná. Esta Instituição de Ensino Superior – IES possuía, em 2019, ano da pesquisa, três cursos de graduação ativos, eram eles: Administração, Direito e Educação Física, todos são cursos na modalidade de bacharelado.

A ideia foi, portanto, revelar quais as influências que esses alunos podem ou não ter recebido em seu percurso educacional formativo. Dessa forma, o artigo que ora se apresenta traz uma discussão a respeito do papel da leitura na formação desses acadêmicos. Para tanto, foram analisados os dados provenientes do preenchimento de um formulário de interesse para participação em um projeto de leitura.

A partir dessa premissa básica, a pesquisa ora apresentada objetiva verificar, a partir das respostas fornecidas por um grupo amostral desses estudantes, as

características que esses leitores possuem, levando em conta suas experiências e repertório de leitura, bem como analisar os dados coletados a partir das orientações contidas na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), no que diz respeito ao ensino de leitura para as séries finais da educação básica. A análise desse documento permite revelar em que medida as propostas impactaram nos alunos que agora cursam o ensino superior.

Levando em conta uma perspectiva pragmático-teórica, as discussões aqui serão estabelecidas com base nas elucubrações de teóricos e pensadores da leitura, bem como do embasamento sobre o ensino de leitura contido na BNCC (BRASIL, 2018). Para instrumentalização da pesquisa foi enviado aos 300 estudantes da referida IES um formulário elaborado no *Google Formulários* contendo 14 questões semiestruturadas, visando conhecer o perfil desses alunos, suas memórias de leituras escolares e de infância, bem como seus interesses quando à participação em um projeto de leitura na instituição.

Desse modo, este artigo divide-se em cinco etapas distintas: esta primeira seção introdutória, que visa apresentar a pesquisa aqui descrita e discutida; a segunda seção, que aborda diferentes aspectos da leitura, vislumbrados a partir de um inicial retrospecto histórico do ato de ler; uma terceira seção, que apresenta o corpo de conhecimentos presentes nas BNCC (BRASIL, 2018) a respeito do ensino de leitura na escola; a quarta seção, que traz os resultados obtidos a partir dos dados coletados nas respostas do formulário, bem como as discussões adjacentes; e a última seção, com as considerações finais após o término da pesquisa.

## **2 LEITURA E A INVENÇÃO DE SI**

Em entrevista ao jornal *El País* em maio de 2018, o remanescente da Escola de Frankfurt, filósofo e professor alemão Jürgen Habermas afirma que o emblema do intelectual comprometido somente perdurará caso haja leitores aos quais alcançar com a argumentação (HABERMAS, 2018). A leitura, em seus estágios imperscrutáveis, pode resultar em uma união entre texto e leitor, mas esse fenômeno ocorre somente no exato instante no qual aquele que lê se descobre um estranho conhecido de si mesmo, pois está mergulhado nos indizíveis das palavras. A repercussão de um texto para o leitor acaba por se tornar uma dupla significação com aquilo que Habermas afirma ser argumento para aquele que lê, e o episódio que atribui

ao sujeito uma metamorfose por uma união de palavras que lhe é totalmente intrigante e plural.

A prática de leitura começa a se expandir no início da era moderna, momento no qual chegou a ser considerada como a corporificação do próprio demônio. Regina Zilberman (2000) em *Fim dos livros, fim dos leitores* elenca a cadência de fatos que permeiam a evolução do processo histórico da leitura a partir dos principais eventos que marcaram expressivamente a história da leitura.

#### Quadro 1 - História da leitura

2300 a. C.	Utilização, pelos egípcios, do papiro para fixar matéria escrita.
750 a. C.	Invenção do alfabeto grego, adaptado da escrita fenícia e acrescido de signos que representassem as vogais.
séc. V. a. C.	Apogeu da cultura ateniense, com desenvolvimento da tragédia, da comédia e da filosofia. Comercialização de obras escritas por meio de livreiros.
séc. IV a. C.	Escolarização da juventude e expansão da aprendizagem da leitura e da escrita.
310 a. C.	Fundação em Alexandria, por Ptolomeu I, de uma biblioteca para acolher e estudar a produção escrita da Antiguidade.
séc. II a. C.	Ascensão de Pérgamo como centro cultural; desenvolvimento do pergaminho para fixação do material escrito.
105 a. C.	Invenção, creditada a Ts'ai Lun, do papel na China.
séc. I a. C.	Expansão da leitura silenciosa em Roma, onde se encontram livrarias administradas por libertos.
sécs. II e III d. C.	Expansão do uso do códice, em lugar do rolo; o pergaminho torna-se o material preferido para fixação de textos escritos, substituindo o papiro.
793	Introdução do uso do papel no mundo árabe.
séc. XII	Consolidação da escrita em palavras separadas. Predomínio da leitura silenciosa sobre a leitura oral.
1270	Construção, na Itália, do primeiro moinho de fabricação de papel.
sécs. XIII e XIV	Aparecimento das primeiras universidades européias. Desenvolvimento do comércio de obras escritas, produzidas manualmente por copistas.

1450	Produção de papel na Europa. Apresentação, por Gutenberg, do primeiro exemplar impresso da Bíblia, inaugurando a era do livro manufaturado industrialmente.
1476	Fundação, por William Caxton, da primeira tipografia na Inglaterra.
séc. XVI	Expansão da indústria tipográfica por toda a Europa. Até 1550, fixação da forma do livro, incluindo capa, título, nome do autor e demais características gráficas.
1564	Publicação, em Roma, do Index Librorum Prohibitorum, pelo Papa Pio IV, estabelecendo a censura religiosa.
1605	Publicação de O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha, de Miguel de Cervantes, tematizando a febre da leitura na Europa moderna, onde então funcionam mais de 250 tipografias.
séc. XVIII	Expansão da alfabetização e da imprensa entre a população. Crescimento do público leitor, sobretudo entre a classe burguesa ascendente. Expansão do romance.
Início do séc. XIX	Barateamento do custo da produção do livro e dos jornais, graças à industrialização do papel. Expansão da imprensa e do romance folhetim. Consolidação do público feminino.
1857	Publicação de Madame Bovary, de Gustave Flaubert, cuja protagonista é iludida pelos enredos folhetinescos das novelas lidas na adolescência.
sécs. XIX e XX	Escolarização obrigatória da população infantil. Expansão da literatura de massa. Pesquisas no âmbito da Sociologia da Leitura. Propostas teóricas e aplicadas de alfabetização popular. Difusão de teorias sobre o efeito da leitura e a emancipação do leitor.
Final do séc. XX e início do XXI	Expansão da tecnologia digital e das redes de comunicação virtual, via computador. Aparecimento do <i>CD-Rom</i> , multimídia e <i>e-book</i> . Discussões sobre o futuro do livro, da leitura e da literatura.

Fonte: Zilberman (2000, p. 29).

A autora mostra que o processo evolutivo somente encontrou sua real significação a partir do escritor, que na linguagem verbal parece ter vislumbrado uma limitação, e, na intenção de assegurar sua longevidade inventou uma forma de registrar sua história – a escrita. A autora salienta que a relação entre escrita e leitura é comparável à anedota entre o ovo e a galinha, ou seja, não se consegue determinar

o que veio primeiro. Porém, cabe evidenciar que são indissociáveis, uma vez que uma necessita da outra para coexistirem, posto que a leitura convirja com origem da linguagem, e esta compõe a manifestação mais plena da competência humana da comunicação e do apropriar-se de si mesmo.

Parece haver no processo de leitura algo da ordem do indizível, uma linha tênue que tange a criação e recriação de arquétipos. Conforme pontua Roland Barthes (1988), são interditos que a leitura subjaz e não são alcançáveis ao leitor, uma vez que ultrapassariam as possibilidades de compreensão e até mesmo do ato de apropriar-se do texto. Para Barthes (1988), é possível distinguir duas leituras/formas de texto: a primeira, do *prazer*, como aquela feita de uma obra de massa, uma vez que a obra, por já ser consolidada, leva o leitor a um lugar conhecido. A segunda, de *fruição/gozo*, que se dá somente na primeira vez em que um texto é lido. Essa leitura, portanto, é intervalar, pois não ocorre uma relação direta a partir dela, pois caminha de acordo com o desejo de quem se aventura na leitura. E é na literatura onde são encontrados esses interditos.

Talvez ler seja perigoso, a exemplo da história de um sujeito com cerca de 50 anos chamado Alfonso Quejana, um fidalgo espanhol sem muitas posses, que vivia em algum lugar da Mancha. Este fidalgo, porém, não cultivava os prazeres de sua classe social, preferia ler livros de cavalaria: a paixão pelos livros era tanta que chegou a vender suas terras para comprar mais e mais volumes desse gênero de obra. Envolvido pela leitura, passava noites em claro, e “[...] do pouco dormir e do muito ler, secou-se-lhe o cérebro, de maneira que veio a perder o juízo”. (CERVANTES, 2002, p. 27). Esse sujeito resolveu mesclar sua vida ao universo dos livros e proclamou-se Dom Quixote.

Miguel de Cervantes Saavedra é o autor desse imortal personagem, protagonista da obra *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*, publicada em 1605. O escritor retratou de modo irônico e paródico o período de conflitos religiosos entre a Reforma e a Contrarreforma, e mesmo que ideologicamente os dois grupos divergissem, ambos condenavam a leitura. Martinho Lutero apoiava a leitura individual da Bíblia, mas denunciava os perigos de lê-la em edições de língua vernácula. A Igreja reagiu contra os hereges, reativando o Tribunal do Santo Ofício e interditando ou até mesmo queimando “textos proibidos”. Na obra de Cervantes, o barbeiro e o cura da cidade invadem a biblioteca do fidalgo e queimam todos os livros considerados causadores da loucura de Alfonso Quejana.

Mas o posicionamento avesso à leitura já era apontado por Platão (2005), filósofo que defendia que o conhecimento deve ser adquirido por força do empenho, não podendo ser contraído por meio de palavras escritas por outrem. Platão deixa claros os prejuízos da escrita nos diálogos de *Fedro*, quando cita uma passagem do mito de Thoth, inventor das letras. Thoth leva seu invento a Tamuz, rei de Tebas, esperando que sua invenção possa ser ensinada aos egípcios.

Thoth:

Esta arte, caro rei, tornará os egípcios mais sábios e lhes fortalecerá a memória; portanto, com a escrita inventei um grande auxiliar para a memória e a sabedoria.

Tamuz:

Tu, como pai da escrita, esperas dela com o teu entusiasmo precisamente o contrário do que ela pode fazer. Tal coisa tornará os homens esquecidos, pois deixarão de cultivar a memória; confiando apenas nos livros escritos, só se lembrarão de um assunto exteriormente e por meio de sinais, e não em si mesmos. Logo, tu não inventaste um auxiliar para a memória, mas apenas para a recordação. Transmites aos teus alunos uma aparência de sabedoria, e não a verdade, pois eles recebem muitas informações sem instrução e se consideram homens de grande saber embora sejam ignorantes na maior parte dos assuntos. Em consequência serão desagradáveis companheiros, tornar-se-ão sábios imaginários ao invés de verdadeiros sábios (PLATÃO, 2005, p. 119).

Nas duas situações expostas, é perceptível a desconfiança de que os livros falsificariam a realidade e direcionariam a um conhecimento artificial e indesejado. *Fedro* data do século IV a. C., período histórico no qual a alfabetização se estende aos gregos, Cervantes também presenciou mudanças históricas, muitas delas causadas em razão da difusão do texto enquanto produto industrial e mercadoria, fruto da consolidação da tipografia como manufatura e da comercialização de obras literárias.

Mesmo que o livro tenha se tornado um objeto popular depois do século XVII, a imagem da leitura ainda era destorcida, sendo considerada perigosa se feita em doses exageradas. Mais adiante na História, o indivíduo debilitado pela leitura passa a ser definido pela marca de gênero: e de leitor ele passa a ser “leitora”, uma espécie de atribuição de feminilidade aos indivíduos que apreciavam a leitura. E neste contexto, a própria literatura possui uma representante à altura desta distorção que a leitura (poderia?) causar, trata-se de *Madame Bovary*, obra de Gustave Flaubert, na qual a protagonista constrói suas expectativas de futuro a partir das obras românticas

que lê. Porém, desiludida por não conseguir realizar a projeção ideal de mundo que conhecia nos livros, Ema, pervertida pelo mundo literário, se suicida. Zilberman (2001, p. 35) aponta que “[a] leitura corresponde a um vício, equivalendo o livreiro ao traficante que coloca a jovem Bovary diante da droga entorpecedora dos sentidos”. Nesses termos (e apenas neles), quando mal direcionada, a leitura causa sérios efeitos colaterais, e a exemplo disso Quixote e Bovary sucumbem.

Várias são as personagens que, ao longo da história da literatura mundial, representam sequelas provenientes das práticas de leitura, porém nem todas alucinam ou assumem a própria personalidade dos protagonistas lidos. Ao contrário, o narrador de *O Ateneu*, obra de Raul Pompéia, apresenta raras lembranças boas do período escolar, e uma das poucas exceções é quando se recorda dos livros de Verne. Lima Barreto e Olavo Bilac também carregam lembranças felizes propiciadas pela obra de Júlio Verne. (ZILBERMAN, 2000). O próprio Érico Veríssimo (1974, p.118) aponta sua predileção por Verne: “Passei a ser um admirador fidelíssimo de Júlio Verne [...] Assim, durante todo aquele ano e no seguinte, fui *Um herói de quinze anos*, passei *Cinco semanas num balão* – e a ameixeira resignava-se a fazer ora o papel de aeróstato, ora o do submarino do Cap. Nemo para percorrer *Vinte mil léguas submarinas*”.

Depoimentos como o de Veríssimo indicam o papel altamente estimulador e social da leitura, corporificado pelos livros contendo personagens viajantes, instigadores da imaginação dos leitores, que visitavam mundos exóticos e deliciosamente repletos de aventuras e perigos, aspectos muitas vezes totalmente diversos da realidade de um leitor. Tal preferência traduz uma das muitas possibilidades que os livros apresentam: levar seus leitores a leituras de mundos inimagináveis, tão distantes, porém, totalmente possíveis. Para o pensador alemão Wolfgang Iser (1996), nenhum leitor absorve passivamente um texto lido, e o próprio texto somente existe em função desse leitor, que usa de inferências e da imaginação latente para atribuir significados múltiplos à sua leitura.

Sendo assim, qual o perigo da leitura? Zilberman (2000, p. 55) afirma que “[...] o único temor que a leitura pode inspirar é o de que seus usuários sejam levados a alterar sua visão de mundo, sonhem com as possibilidades de transformar a sociedade e não se conformem ao já existente”. A leitura amplia a visão do leitor que a entende a partir de uma relação real e libertadora. Não se pode levar em conta

simplesmente sua relevância pragmática, mas primordialmente pelo seu caráter formador de opiniões e de posicionamento frente à sociedade.

A compreensão de que o leitor é o agente que determina as demandas literárias tornou-se essencial para o transcendentalismo dos livros, uma vez que é este ser social que possibilita a aceitação ou rejeição de determinadas obras, é ele quem prefere determinado autor em detrimento de outros. Ele é, então, o elemento que movimenta o mercado editorial, pois é ele quem destina parte de seu soldo para a compra de livros.

### **3 SOBRE O PAPEL DA LEITURA**

É na constituição da classe burguesa e especialmente com a efervescência dos ideais iluministas que a leitura passa a desempenhar um papel orgânico na sociedade, fazendo do membro daquele grupo um cidadão diferenciado. Dessa maneira, é possível afirmar que a atenção dedicada ao leitor reflete na qualidade de sua leitura, e esta, por sua vez, é a cadência de ideias presentes em um livro (objeto material), formatado por um escritor segundo suas necessidades ou desejos particulares. Privilegiar a experiência de leitura compreende movimentar toda a engrenagem envolvida nesse processo, desde os níveis mais elementares (ideias) até os mais complexos (aceitação do mercado editorial/leitor).

O ser humano usa sua capacidade linguística para descrever sua realidade, bem como cria dispositivos capazes de armazenar estas informações de maneira a não as perder na memória. Porém, as constantes mudanças decorrentes dos recursos tecnológicos existentes atualmente parecem chegar ao ápice de sua criação, substituindo a informação impressa pela virtual. Mas então onde ficarão os livros neste processo? Esquecidos em prateleiras de bibliotecas, ou ainda serão destruídos por ocuparem desnecessariamente espaços?

Há uma indissociável ligação entre o capitalismo e a indústria editorial, sendo esta a principal responsável pelo o quê as pessoas têm lido atualmente. Bons escritores somente terão suas obras com relevante reconhecimento se conseguirem uma editora que publique seus livros, fato este que nem sempre ocorre, devido, principalmente, aos interesses econômicos envolvidos nesse nicho do mercado consumidor.

Enfim, a possibilidade do desaparecimento dos livros faz parte do contexto social da atualidade, mas enquanto houver leitores audaciosos e desafiadores, a prática de leitura não sucumbirá. Se o saber pode ser perigoso, a ignorância o seria muito mais.

Jean-Paul Didierlaurent (2015) ficcionaliza essa estagnação da memória como processo decorrente da falta de leitura no romance *O leitor do trem das 6h27*, ao trazer um protagonista que trabalha em uma indústria de destruição de livros, objetos que se tornam obsoletos com a mesma velocidade que a mais nova e fugaz tendência de moda do momento. Contra a corrente, a personagem resgata sorrateiramente páginas esparsas das obras destruídas e as lê para os passageiros do trem que as leva à amarga sina de ver destruídas tantas palavras e sonhos.

Didierlaurent não traz à tona a derrocada do livro impresso, prenuncia o ato de ler enquanto agente socializador e fundamental para que o indivíduo possa apropriar-se da língua e de si mesmo, pois múltiplas formas de ler demandam uma imersão em busca da legibilidade do texto. Talvez os livros se acabem em algum momento, substituídos por formas mais modernas, porém o que importa verdadeiramente hoje é a percepção das infinitas possibilidades oferecidas pelo texto escrito, em papel sensível, permitindo ilimitadas leituras e sentidos.

A leitura instiga. Ela é capaz de levar o leitor a conhecer universos inimagináveis e fazer parte deles, sendo personagem principal de sua própria história. Vincent Jouve (2004) nomeia como *vertigem* a sensação do leitor ao deparar-se com narrativas em primeira pessoa, experienciando proferir ideias que não são dele, como se assim elas o fossem. Essa vertigem está relacionada à própria fruição do texto, uma vez que ele pode libertar o leitor das amarras do cotidiano a fim de que escape de si próprio. Jouve (2004), citando Jauss (1978), apropria-se do termo *fruição estética* para descrever essa experiência com o “outro” que a leitura instiga, demonstrando, assim, o papel de libertador da consciência a partir do ato de ler.

Ora, ler é trazer a criança leitora que habita em nós, como uma viagem de volta ao passado afetivo, uma vez que, ao abrir um romance é a criança que fomos quem renasce. Nesse sentido, Jouve assinala que a leitura é uma desforra da infância, pois somente essa criança que habita a memória do leitor é capaz de acreditar na fantasia e nos imponderáveis. E nesse processo de ler e redescobrir, o autor define que a leitura remete ao passado a partir de duas modalidades: na primeira, o leitor revive cenários da infância ao deparar-se com uma paisagem descrita e que já habitou

sua história de vida; já a segunda diz respeito às *lembranças-tela*, aquelas que são evocadas por meio de uma única palavra, capaz de trazer consigo a exata memória afetiva que há tanto estava escondida.

Michel Picard (1986), em *A leitura como jogo* propõe três instâncias que formam um jogo complexo entre os níveis de relação com o texto ficcional, a saber:

- o “ledor”: segura o livro nas mãos; mantém contato com o mundo exterior; não é suficiente para uma análise textual;
- o “lido”: inconsciente do leitor que reage às estruturas fantasmáticas do texto; relação do “eu” com o inconsciente; seu caráter passivo não é evidente, existem pulsões inconscientes;
- o “leitante”: instância da secundaridade crítica que se interessa pela complexidade da obra; recuo crítico em relação ao texto; sempre se lembra de que o texto é antes de mais nada uma construção; apreende o texto em relação ao autor.

Há uma relação dialética entre o ledor e o lido, pois são eles que fundamentam os efeitos de participação. Mas o leitante, esse nunca é enganado, é ele quem acompanha a leitura da obra com o olhar atento e desconfiado, buscando desvendar o narrador, que talvez saiba muito mais do que aparenta.

Esses três níveis, segundo o autor, relacionam-se mutuamente, porém, nem sempre de forma harmoniosa. Dessa maneira, ao desdobrar-se, o leitor desempenha diferentes papéis, que dependem, em maior ou menor grau, das inferências feitas (ou não) por ele, suas leituras anteriores, capacidade de cognição, local social, relação consigo mesmo, entre tantos outros. E por certo compete ao leitor estabelecer as regras desse jogo com suas leituras, organizando suas formas de jogar, aproximando-se ou distanciando-se das articulações criadas pelo escritor. Ao deparar-se com as diferentes maneiras de apreender um texto, a leitura adquire para aquele que lê o papel de questionadora da realidade, uma vez que é a partir dela que o leitor se percebe, criando mecanismos mais eficientes de construção, de adaptação e de equilíbrio frente àquilo que o cerceia.

Ainda nos níveis mais superficiais de um texto, que trazem consigo um caráter maior de heterogeneidade, os leitores, mesmo aqueles que possuem um repertório mais raso de leituras anteriores, demonstram serem possuidores de saberes referentes aos diversos domínios do conhecimento. A eles cabe conhecer e praticar a

língua materna, ter familiaridade com textos escritos e acesso à múltipla rede de informações que decorre dos meios de comunicação. Mas lograr sucesso no jogo da leitura, conforme pontua Picard (1986), demanda que os jogadores tenham conhecimento dos objetivos propostos para o jogo em questão, uma vez que há diferentes formas de ler o mesmo texto.

Para determinar, portanto, as etapas a serem seguidas, cabe ao leitor a incumbência de definir se irá até o fim do texto, tateando por uma compreensão geral e global; se desejará parar em pontos fixados, buscando respostas específicas; ou ainda se está caminhando pela leitura como um viajante sem rumo certo, observando a paisagem. Se não houver objetivos claros e definidos, os caminhos tendem a tornarem-se oscilantes e imprecisos, e não o devem ser, visto se que faz necessária uma interação contínua entre jogo e jogador.

Para o leitor mais experiente, que consegue preencher lacunas do texto, os *intervalos de leitura*, conforme assinala João Alexandre Barbosa (1990), será possível conhecer um número maior de regras e de jogos. No ambiente escolar, fica perceptível o papel do docente como mediador no jogo da leitura, auxiliando para que todos os jogadores, alunos-leitores, conheçam e dominem as regras do jogo, os diversos níveis, para que possam criar seu percurso próprio.

#### **4 A LEITURA NA ESCOLA: O QUE PRECONIZA A BNCC**

As aulas de Língua Portuguesa podem representar um momento no qual ocorram práticas pedagógicas contextualizadas, que se relacionem à realidade de mundo dos alunos, possibilitando que haja uma transversalização do conhecimento e uma constante troca de saberes. Para tanto, é fundamental que o educador priorize práticas sociais efetivas no ambiente escolar, que ocorram em diferentes momentos do processo de aquisição do conhecimento. A BNCC (BRASIL, 2018), fundamenta que as ações devem pautar-se em um trabalho com múltiplas linguagens, pois assim será possível que os alunos se envolvam com práticas discursivas de diferentes esferas sociais, ampliando o caráter intertextual do texto.

Os espaços escolares parecem estar constantemente cerceados de paradigmas, uma vez que a própria noção de ensinar representa um processo múltiplo e contraditório de relações de poder. A BNCC (BRASIL, 2018) indica caminhos para o ensino, focalizando práticas de linguagem reflexivas como centro da práxis

pedagógica, buscando auxiliar o professor a trabalhar com o conjunto de fatores que influenciam a vida do aluno.

A leitura, a interpretação e a produção de textos escritos e orais precisa ser vista como requisito básico para o desenvolvimento pessoal e a participação direta de uma pessoa na sociedade. “Este processo deveria ser concebido como um dos requisitos primordiais para todos os níveis de ensino formal, visto que são atividades interacionais e formadoras de cidadãos reflexivos” (OLIVEIRA, 2015, p. 29).

A avaliação do processo de leitura terá como fundamento as estratégias que os estudantes empregam para a compreensão do texto lido, assim como o sentido construído, as relações dialógicas existentes entre textos, aquelas que demonstram causa e consequência entre as partes do texto. O aluno será avaliado a partir de sua capacidade de reconhecimento de posicionamentos ideológicos no texto, e também com base na identificação dos efeitos de ironia e humor. No processo avaliativo, o aluno será instigado a localizar informações explícitas e implícitas, assim como indicar o argumento principal (PARANÁ, 2008).

A leitura é, portanto, um meio para que o aluno amplie seu conhecimento em língua portuguesa, nem sempre sendo considerada em sua subjetividade.

## **5 PROPOSTA DE PROJETO DE LEITURA PARA ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO, DIREITO E EDUCAÇÃO FÍSICA: RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Para a realização da pesquisa que ora se apresenta, levando em conta sua relevância na construção de novos saberes, foi escolhida uma IES de caráter particular, localizada na cidade de Cornélio Procópio, norte do Paraná, e que atualmente conta com cerca de 300 alunos. Essa faculdade possui em funcionamento três cursos de bacharelado, a saber: Administração, Direito e Educação Física.

A proposta de participação em um projeto de leitura surgiu após conversas informais com o corpo docente e discente, visando descobrir a importância da leitura para o percurso formativo profissional e individual desses indivíduos.

Após a aprovação da direção geral da faculdade, um formulário foi elaborado e enviado a todos os estudantes. O período de aceitação de respostas ocorreu entre os dias 14 a 20 de maio de 2018. O referido formulário continha as seguintes questões:

1. Qual seu nome?

2. Qual seu endereço de e-mail?
3. Você está cursando qual curso?
  - a. Administração.
  - b. Direito.
  - c. Educação Física.
4. Em qual período de seu curso você se encontra atualmente?
5. Em qual ano terminou o Ensino Médio?
6. Você estudou:
  - a. Sempre em escolas públicas.
  - b. Sempre em escolas particulares.
  - c. Uma parte em escolas públicas e outra em particulares.
7. Quantos livros você já leu?
  - a. Até 3 livros.
  - b. Até 5 livros.
  - c. Até 10 livros.
  - d. Mais de 10 livros.
  - e. Ainda não li nenhum.
8. Qual o gênero de histórias que mais agrada a você?
  - a. Romance.
  - b. Ficção Científica.
  - c. Poema.
  - d. Ação.
  - e. Aventura.
  - f. Biografia.
  - g. Suspense/Terror.
  - h. Nenhuma das opções.
9. Qual o principal motivo para alguém não ler:
  - a. Falta de tempo.
  - b. Falta de interesse.
  - c. Falta de estímulo na escola/faculdade.
  - d. Falta de costume.
  - e. Gostar de mais de TV e cinema.
10. Você se recorda de qual foi uma das primeiras histórias que alguém contou a você em sua infância? Fale sobre essa memória:

11. Você gostava mais de ler na infância ou agora na fase adulta? Explique o porquê:
12. Fale sobre uma história que marcou você, pode ser alguma que você leu, que contaram a você, um filme que assistiu...
13. Você teria interesse em participar do Projeto de Leitura da faculdade?
  - a. Sim.
  - b. Não.
  - c. Talvez.
14. Quanto tempo do seu dia você poderia usar para fazer as leituras desse Projeto?
  - a. Até 30 minutos por dia.
  - b. Uma hora por dia.
  - c. Mais de uma hora por dia.

A pesquisa obteve 29 respostas, totalizando uma amostra de 9,66% dos alunos. A partir de algumas questões, cabe discorrer uma análise dos feedbacks fornecidos às mesmas, evidenciando sua relação com os fundamentos teórico-metodológicos e os encaminhamentos metodológicos contidos nas DCE (2008).

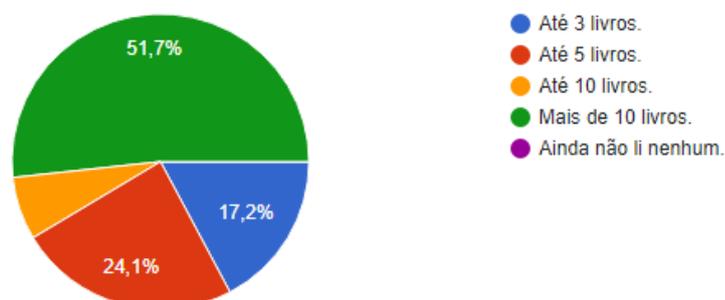
A questão número 3 revelou que 79,3% dos questionários foram respondidos por estudantes de Direito; já os alunos de Administração compreendem 10,3%, assim como os alunos de Educação Física. Quando perguntados sobre a escola onde estudaram, 72,4% afirmaram que sempre estudaram em escolas públicas; contra 17,2% que estudaram parte no ensino público e parte no particular, e, por fim, apenas 10,3% sempre estudaram em escolas particulares.

Uma das perguntas que cabe análise é a de número 7: *Quantos livros você já leu?*, com as respostas demonstradas no gráfico a seguir:

### Gráfico 1: Respostas da Questão 7

Quantos livros você já leu?

29 respostas



**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

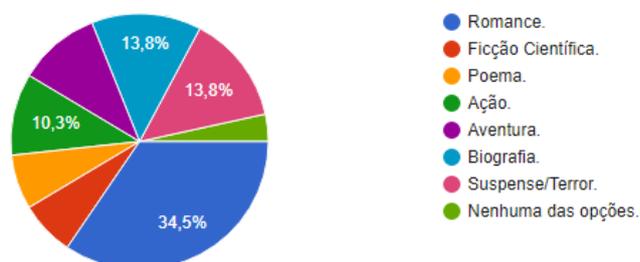
Conforme as informações do gráfico, mais da metade dos alunos afirma ter feito a leitura de mais de 10 livros, fato este que, apesar de não evidenciar qual a modalidade/gênero/profundidade da leitura, demonstra que os alunos fizeram um número considerável de leituras durante seu percurso de formação escolar e acadêmica.

No que diz respeito ao gênero de preferência dos estudantes, o gráfico a seguir apresenta os resultados:

### Gráfico 2: Respostas da Questão 8

Qual o gênero de histórias que mais agrada a você?

29 respostas



**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

Há uma diversidade nas respostas fornecidas, e, ao analisar essa heterogeneidade, cabe afirmar que uma das premissas das DCE (PARANÁ, 2008)

pode ser considerada atingida, visto que o documento preconiza que sejam realizadas diferentes leituras no percurso escolar, abrangendo diferentes gêneros textuais.

Por outro lado, a predileção do gênero Romance por 34,5% dos alunos abre espaço para a constatação de que a extensão do texto não parece ser um problema para os estudantes. Tendo em vista estas respostas, é possível afirmar que há um público leitor de narrativas longas, ainda que tais práticas nem sempre sejam incentivadas no ambiente escolar, ora em razão da extensão ementa, ora por falta de número considerável de obras, ou ainda por falta de incentivo dos professores (TORELLI, 2017).

Ao serem questionados se teriam recordações de qual foi uma das primeiras histórias que alguém contou a eles na infância, a partir da questão 9, as respostas revelam que são os contos de fadas que prevalecem no imaginário desses alunos. A grande maioria deles respondeu que recorda de histórias como Chapeuzinho Vermelho, Cinderela e Os três porquinhos. Uma das respostas que chamou atenção foi a do aluno que respondeu “Infelizmente nunca ninguém me contou histórias na minha infância” (Aluno A), demonstrando uma possível falta de incentivo em seus anos iniciais.

Algumas das respostas à questão 10 “Você gostava mais de ler na infância ou agora na fase adulta? trazem diferentes pontos de vista, e demonstram que os respondentes afirmam terem sido leitores na infância por gosto, e na fase adulta por necessidade. Sendo assim, a leitura, assumiu um papel de finalidade, semelhante, em alguns aspectos, às práticas de leitura e sua avaliação nas séries finais da educação básica.

Já as histórias que marcaram a vida dos alunos dividem-se em obras de ficção e filmes bastante conhecidos pela grande mídia. Cabe ressaltar que a pergunta não quis tratar apenas de obras lidas, levando em conta a multiplicidade de gêneros e recursos midiáticos com os quais os alunos mantém contato frequentemente. A ideia, na verdade, foi descobrir quais histórias impactaram suas vidas, uma vez que mereceram ser mencionados no formulário. Seguem algumas das respostas que contém um contexto explicitando sua predileção:

- “Um livro que me marcou muito foi A menina que roubava livros, foi o primeiro livro que ganhei” (Aluno B).
- “Um livro que me recordo com bastante clareza que marcou muito foi a história chamada Depois daquela viagem, de Valéria Piazza” (Aluno C).

- “O filme "Matilda". Mostra o esforço de uma garotinha em adquirir conhecimento, seu amor pela leitura. Com tantos obstáculos e julgamentos dentro do convívio familiar ela encontra nos livros um motivo para não desistir. O filme mostra a capacidade que nossa mente possui mas que não sabemos utilizar” (Aluno D).
- “Mamãe não pode saber... uma história de suspense que li na adolescência. E também um livro sobre a Segunda Guerra que também li na adolescência” (Aluno E).
- “Harry Potter pois ele era órfã não tinha mãe e nem pai para proteger ele do mundo lá fora”. (Aluno F).
- “Desafiando os gigantes... que tudo pode ser conquistado com fé e determinação mesmo com as dificuldades” (Aluno G).  
 “Tive a oportunidade de ver o filme "História sem fim" quando criança. O longa conta a história de um garoto que sofria com problemas na escola e amigos. Fugindo de uma briga escolar, o jovem acaba entrando em uma livraria onde encontra o livro “história sem fim” O conto tem um enredo de fantasias e personagens diferentes que acabam prendendo a atenção das crianças. O filme é ótimo!” (Aluno H).
- “O filme "Uma prova de amor", que conta a história de uma garota que foi concebida para salvar a vida de sua irmã, que é doente”. (Aluno I).
- “Um olhar do paraíso, filme e livro, gostei mais do filme!” (Aluno J).

Cada uma das respostas expressas anteriormente poderia contêm uma análise individual, porém, como uma das intenções desse artigo é demonstrar a relação existente entre as leituras dos alunos e as propostas escolares por eles vivenciadas, cabe destacar que poucas respostas revelaram leituras realizadas no ambiente escolar. Nesse sentido, é possível apreender que as leituras (ou mesmo as narrativas fílmicas) que mais impactaram e permanecem na memória dos alunos são aquelas realizadas fora do ambiente escolar.

A respeito da participação em um projeto de leitura, 70% dos estudantes que responderam ao questionário afirmaram ter interesse; já 23, 3% disseram que talvez o tenham, e apenas 6,7% não têm interesse.

Dessa maneira, com base no interesse evidente dos alunos, será possível traçar estratégias para planejar e dar início ao projeto, uma vez que fora verificado que, apesar de um baixo delineamento escolar de leitores, há interesse latente desses estudantes em fazer leituras de diferentes âmbitos, estabelecer discussões e novos pontos de vista a partir delas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar a problemática do texto que ora se apresenta, os questionamentos a respeito de textos e leituras que possam ter marcado alguém, em contraste à realização de leituras como práticas pedagógicas, parecem colidir diretamente com a eminente necessidade de revelação do processo emancipador da leitura para que o indivíduo se torne um verdadeiro cidadão.

Há leitores por todos os cantos, em cada esquina é possível encontrar alguém lendo a última notícia dúbia de um jornal sensacionalista, uma história de vida compartilhada em uma rede social, uma narrativa sobre um homem que acorda certa manhã, metamorfoseado em um inseto. Há leitores que sequer se sabem leitores, confinados a suas leituras do dia a dia. Talvez desinteressados por certos gêneros, acostumados às leituras que propiciam um prazer instantâneo e efêmero. É papel social de cada leitor convidar para o jogo da leitura mais um jogador, ensinar-lhe as regras básicas e permitir que ele mesmo se perca e se encontre nas palavras.

Para os alunos da IES pesquisada, a proposta de um projeto de leitura talvez possa auxiliá-los a perceber potencialidades em si mesmos. E, no que diz respeito às propostas da BNCC (BRASIL, 2018), apesar das respostas ao questionário não terem trazido subsídios para uma análise mais aprofundada das práticas de leitura escolares e seu impacto na vida acadêmica dos alunos, é possível apreender que há desejo eminente de continuar um trabalho que pode ter sido desenvolvido na escola ou em qualquer ambiente não formal de aprendizagem, guardado na memória desses alunos.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, R. Da Leitura. In: *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- CERVANTES S., M. de. *Dom Quixote de la Mancha*. Trad. Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Nova Cultural, 2002.
- DIDIERLAURENT, J-P. *O leitor do trem das 6h27*. São Paulo: Saraiva, 2015
- HABERMAS, J. Entrevista ao jornal El país. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/25/eps/1524679056\\_056165.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/25/eps/1524679056_056165.html)>. Acesso em: 20 mai. 2018.
- ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. J. Kretschmer. São Paulo: Ed. 34.
- JAUSS, H. R. *História literária como desafio à ciência literária*. Porto: Soares Martins, 1978.
- JOUBE, V. *A leitura*. São Paulo: Unesp, 2004.
- OLIVEIRA, Denise da Silva de. *O papel da memória na construção da identidade cultural dos alunos: diálogos entre possibilidades de leitura*. 2015. 135 fls. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina. 2015.
- PICARD, M. *La lecture comme jeu*. Paris: Minuit, 1986.
- PLATÃO. *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- TORELLI, L. A. *Notícias/Fóruns Notícias*. Disponível em: <<http://plataforma.proli vro.org.br/a-reducao-do-acesso-ao-livro-e-a-falta-de-incentivo-a-leitura-acentuam-as-desigualdades-diz-torelli/>>. Acesso em: 20 mai. 2018.
- VERISSIMO, E. *Solo de clarineta*. São Paulo: Companhia das Letras, 1974.
- ZILBERMAN, R. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC, 2000.
- Recebido em: 05/02/2022.  
Aprovado em: 07/09/2022.